



**Jean DUVIGNAUD**

La Rochelle, 22 de Fevereiro de 1921 -

La Rochelle, 17 de Fevereiro de 2007

**RESUMO:** breve biografia do intelectual francês Jean Duvignaud, sociólogo e homem de teatro, que presidiu o primeiro colóquio internacional de etnocenologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jean Duvignaud; teatro; etnocenologia.

**RÉSUMÉ:** brève biographie de l'intellectuel français Jean Duvignaud, sociologue et homme de théâtre, qui a présidé le premier colloque international d'ethnoscénologie.

**MOTS-CLÉS:** Jean Duvignaud; théâtre; ethnoscénologie.

**ABSTRACT:** brief biography of the French intellectual Jean Duvignaud, sociologist and man of theater, who chaired the first international colloquium of ethnoscenology.

**KEYWORDS:** Jean Duvignaud; theatre; ethnoscenology.

Escritor, crítico de teatro, sociólogo, dramaturgo, ensaísta, roteirista, encenador, antropólogo. *Maître de conférence* na Universidade de Túnis, depois nas universidades de Tours (1965-1980) e de Paris-VIII (1980-1991) da qual foi Professor Emérito. Fundador de revistas, tais como *Arguments* com Edgar Morin nos anos 50; *Cause commune* com o ex-discípulo Georges Perec nos anos 70 e *Internationale de l'Imaginaire*, 2000 com Chérif Khaznadar. Fundador e Presidente de honra da Maison des Cultures du Monde. Presidiu na UNESCO o primeiro colóquio internacional de etnocenologia. Suas obras mais significativas são os romances: *L'Or de la République*, *L'Empire du milieu*. Em sociologia: *Les Ombres collectives*, *Sociologie du théâtre*, *L'Anomie*, *Fêtes et civilisations*, *La Solidarité*, *La Genèse des passions dans la vie sociale*.

E do que nós vivemos, sobrevivem somente os momentos de antecipação, de utopia, de felicidade que marcaram a vida presente, a única que importa; da efêmera intuição de uma eternidade possível. Insubstituíveis momentos quando estivemos 'abertos para as coisas futuras'. Nós não somos o que nós fomos, mas o que nós fomos tentamos a viver, como suplemento da vida, com outros e como se, por alguns dias ou semanas, se pudesse esconjurar o tempo. J. Duvignaud, *Les octos*. Béants aux choses futures. (trad. do autor).

Jean Duvignaud morreu na cidade onde nasceu 86 anos antes, La Rochelle, bastião do Protestantismo, das aventuras míticas dos três Mosqueteiros, das aventuras bélicas do Cardeal

Richelieu, da saída marítima importante de navios e de capital para a Rota dos Escravos...

Perdeu cedo a sua mãe e refugiou-se nos livros. Após estudos nas chamadas *grandes écoles* e uma passagem pela Resistência durante a Segunda Guerra Mundial sua vida profissional debutou como professor de Filosofia e depois de Sociologia.

Fiel aos destinos dos homens da sua geração, cuja encarnação maior foi Jean-Paul Sartre, Jean Duvignaud foi também um daqueles intelectuais franceses polimorfos do pós-guerra. Se a história do pensamento ocidental os distribuiu por áreas de conhecimento estanques e assim podemos classificá-los, compreender-lhes os propósitos, filiá-los mais ou menos facilmente a escolas, grupos e linhas de pesquisa, um olhar distraído sobre a vasta produção do intelectual Jean Duvignaud, homem de contrastes, põe em evidência a sua participação com igual intensidade a mundos aparentemente antagônicos como o da literatura e o das ciências sociais; o da viagem e da abertura ao outro como o do ensimesmamento autobiográfico. A sua dedicação natural nos diversos projetos que levou a cabo, bem como a sua propensão a participar de vários "mundos" simultaneamente o caracterizavam. Inclassificável também na sua atuação nas ciências sociais.

Sob este ângulo, Jean Duvignaud era exemplar: enquanto ele podia « instalar-se » no confortável estatuto de « especialista da sociologia da arte e do teatro », ele desenvolvia uma sociologia do conhecimento, do imaginário, do cotidiano, do riso. Ele recusava até que o considerassem mais sociólogo que antropólogo e vice-versa. É sem dúvida por isso que ele sempre valorizava a escrita superpondo a reflexão sociológica e a construção romanesca.<sup>1</sup>

\* Mestrando em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Brasil

<sup>1</sup> « De ce point de vue, Jean Duvignaud était exemplaire: alors qu'il pouvait « s'installer » dans le confortable statut du « spécialiste de la sociologie de l'art et du théâtre », il développait une sociologie de la connaissance, de l'imaginaire, de la quotidienneté, du rire. Il refusait même qu'on le considère plus sociologue qu'anthropologue et vice et versa. Sans doute est-ce aussi pour cela qu'il valorisait toujours l'écriture imbriquant la réflexion sociologique et la construction romanesque. » Jean-Pierre Corbeau, « Mise en perspective de l'article de Jean Duvignaud « L'idéologie, cancer de la conscience » », *SociologieS*, Jean Duvignaud, mis en ligne le 11 décembre 2007. URL: <http://sociologies.revues.org/document1363.html>. Consultado em 17 de dezembro de 2008. (trad. do autor).

A característica plural da obra por ele deixada se reflete de maneira insólita por situar-se a igual distância entre a investigação científica e o da ficção. Esta última servindo muitas vezes para ilustrar, exemplificar ou ser até a própria expressão daquela.

## Duvignaud e as ciências humanas

Professor na Faculdade de Letras e Ciências de Tunis, ele conduziu os seus estudantes, regularmente entre 1960 e 1966, para realizarem juntos, no Sul do país, uma pesquisa cujo resultado é um marco na história da etnografia. Na cidade de Chebika, terra incógnita à beira do deserto. A esses jovens, oriundos de uma elite intelectual e econômica, movidos por uma incondicional admiração pelo ocidente europeu, foi revelada uma realidade social até então ignorada.

Rapidamente Duvignaud e seus alunos compreenderam a impossibilidade de aplicar ali o método quantitativo passível, segundo eles, de falsear os resultados. Obtiveram bem mais informações através da observação da vida cotidiana e de discussões coletivas informais com a população sem utilizar questionários previamente estabelecidos. Em *Chebika ou les mutations d'un village maghrébin* (J. DUVIGNAUD, Paris, Gallimard, 1968) que é o resultado dessa pesquisa de campo de seis anos Duvignaud aborda expressamente o quanto a pesquisa “mexeu” com o pesquisado e, com a sua linguagem. Respondendo exaustivamente às perguntas que lhe eram feitas, nota-se, no decorrer do tempo, o quanto estas dão vida a uma reflexão dos membros da comunidade de quase 300.000 habitantes sobre suas próprias práticas e tradições vivenciadas ou esquecidas, suscitando uma tomada de consciência dos papéis sociais, do estado em que se encontrava a população em relação ao progresso, à administração central do país e ao mundo. O resultado é uma obra com verve quase romanesca, que dá a palavra ao sujeito da

pesquisa, “entrando” nos seus pensamentos, descrevendo o seu comportamento e nos revelando cada ponto de vista, evitando assim uma simples abordagem estatística. Atento à diversidade das tradições sociológicas e dos limites de uma racionalização Duvignaud preconiza e estabelece uma metodologia concreta e uma ética da pesquisa etnográfica inspiradas na complexidade das relações entre o indivíduo, na sua experiência individual e coletiva, baseadas na indeterminação e nas rupturas sociais<sup>2</sup>. Ele parte do verdadeiro para estabelecer “de dentro” uma narrativa colando-se assim a realidade pura.

“*Eles se revelam si mesmos*”. É a imaginação a serviço da verdade. É (estudo e) pesquisa de campo, “onde a escrita transcende o objeto de empatia atingindo a dimensão poética”.<sup>3</sup>

Imaginar segundo a verdade” indo ao campo “como se vai à fonte” e honrar a expressividade literária caminhando através do labirinto dos vestígios, usos e ritos que leva ao significado escondido da existência comum.<sup>4</sup>

Foi também o momento de constatar a reversibilidade dos efeitos da pesquisa, e o quanto esta também pode “mexer” com o pesquisador. Enfim, para ele, “o vilarejo [lhe] ensinou que a vida social, por mais desapontada e impotente que seja, se determina sempre para além dela própria”<sup>5</sup>

## Duvignaud e o teatro

O elemento essencial na obra de Duvignaud foi o teatro enquanto linguagem artística que torna

<sup>2</sup> Jean-Pierre Corbeau, op. cit.

<sup>3</sup> « Etudes de milieu et récits de vie desdshérités du monde où l'écriture transcende l'objet d

'empathie en atteignant à la dimension poétique ». Pierre Lassave, *Dialogues avec la littérature : Louis Chevalier et Jean Duvignaud*, p. 130. Pierre Lassave : « Dialogues avec la littérature : Louis Chevalier et Jean Duvignaud », *Genèses*, Paris, n° 34, mars 1999, pp. 114-131.

<sup>4</sup> « imaginer selon le vrai ” em allant au terrain “comme on va à la fontaine ” et honorer l'expressivité littéraire en cheminant à travers le labyrinthe des bribes, usages e ritos que mène au sens caché de l'existence comune » (Jean Duvignaud, *Chebika, changement dans un village du sud tunisien*, Paris, Plon, 1991 – introduction, p. 13-22.). (Apud Pierre Lassave, op. cit.).

(trad. do autor).

<sup>5</sup> Le village [Chebika] m'a enseigné que la vie sociale, si déçue ou impuissante soit-elle, se détermine toujours au-delà d'elle-même. Ibid. p. 429. (Apud Pierre Lassave, op. cit.). (trad. do autor).



mais evidentes os sistemas das relações sociais<sup>6</sup>. Duas obras lhe foram essencialmente consagradas: *Sociologie du théâtre, Essai sur les ombres collectives*, Paris, PUF, 1965 e *L'acteur, Esquisse d'une sociologie du* das relações entre autor, produção dramática e sociedade; do modo como esta última “induz” a criação da obra que lhe é endereçada. O segundo livro põe em evidência a sociedade enquanto público e as relações entre o ator, a criação e a personagem. Para ele o ato de representar uma personagem é uma apropriação da substância social.

Já no romance *Le singe patriote. Talma, un portrait imaginaire*, Arles, Actes Sud, 1993, Jean Duvignaud, híbrido e raro com sua imensa cultura, aborda o teatro como metáfora da sociedade<sup>7</sup>.

A obra de Jean Duvignaud se inscreve na incessante alternância entre os gêneros e na compreensão do outro na anomia, termo que lhe é caro, dos contrastes, dos conflitos das existências múltiplas, sucessivas, e movida pela profunda. Seus estudos o levam igualmente a investigar a manifestações espetaculares através da festa (“*e o seu correlativo individual, o riso [como sendo] o fluxo do excesso, da vitalidade criativa que submerge, a certos momentos, os grupos e as pessoas*”<sup>9</sup>), o transe e a possessão na Umbanda do Norte do Brasil, que ele visitou, como portas da *aestruturalidade*, meios “*de afrontar uma livre espontaneidade existencial nunca permitida pela vida social*” (p. 35).

O imaginário, o sonho, a festa, o jogo, o riso, o desejo, o transe, tudo o que as ordens estabelecidas designam na história como anômicas, subversivas ou perigosas vão então marcar o autor através das suas experiências vividas ou solicitadas de homem maduro, seus textos de professor de sociologia do conhecimento, seus romances de aventuras passionais e crepusculares<sup>10</sup>.

Em *Le don du rien* o sociólogo dizia-se estar na contra-corrente de um movimento de idéias que há vinte anos tem tentado reduzir na França a história do desejo ou do imaginário ao formalismo de uma lógica inconsciente ou à combinatória de signos<sup>11</sup>.

## Duvignaud e a etnocenologia

O Colóquio de Fundação do Centro Internacional de Etnocenologia em Paris, em 1995

sob os auspícios da UNESCO, da Maison des Cultures du Monde, e da Universidade de Paris 8, contou com a presença e participação de Jean Duvignaud que o presidiu. Apesar de a sua própria obra estabelecer correlações precisas entre a sociedade e a representação teatral propriamente dita, ele assinala que o projeto de instauração dos estudos etnocenológicos “não se confunde com a *mise en scène* da vida cotidiana nem com as formas do imaginário de teatro”<sup>12</sup>. Essa disciplina transcultural e emergente não cede à tentação de se ater a essa prática artística – o teatro – e vai além dela, da sua “aparição (...) em nosso domínio”, e pensa o espetáculo como sistema complexo – em suas dimensões biológicas e cognitivas. O seu objeto são o estudo, a documentação e a análise das formas de expressão espetaculares dos povos destinadas a um público, seja ele passivo ou ativo, como diz Cherif Hhaznadar<sup>13</sup>.

É impossível não discernir nos seus textos consagrados às manifestações espetaculares, uma

<sup>6</sup> “Duvignaud montou várias peças de teatro (Woyzeck de Büchner, Maré basse de sua autoria, etc.) depois escreveu a sua tese em sociologia precisamente sobre o teatro, vasto afresco histórico sobre as “correlações funcionais” (Gurvitch) entre a cena, o ator, e a sua época, Sua obra sociológica a partir de então é marcada pelo estudo da estilização das paixões humanas para além da linguagem verbal assim como ela ilustra sua interpretação do teatro antigo, shakespeariano, clássico ou romântico”. (J. Lassave, Op cit. p.122). (trad. do autor).

<sup>7</sup> Ver também o caso da jovem Rima, órfã, habitante de Chebika, pobre, e “sem irmão para defendê-la”. É a oportunidade para J. Duvignaud discorrer sobre o teatro a partir de um encontro presencial. Compara a Antígona essa jovem que aprendeu a ler sozinha e também por isso incompreendida como única mulher alfabetizada do vilarejo. Rima não conhece nada do futuro, ela padece, mas se insurge contra o presente que, em nome de tradições do passado, a oprime. Ref. David Le Breton, *Le théâtre du monde: lecture de Jean Duvignaud*. Colaboração Jean Duvignaud. Presses Université Laval, 2004218 p.

<sup>8</sup> J. Lassave, op. Cit. p.

<sup>9</sup> « Ce qui m'intéresse ici, et qui concerne éminemment la fête et son corrélatif individuel, le rire, c'est le flux d'excès, de vitalité créatrice, qui submerge à certains moments les groupes et les personnes », car « l'homme ne se réduit jamais à son activité pratique instituée » *Le Don du rien, essai d'anthropologie de la fête*, Paris, Plon, 1977 (p. 287). Apud. Alain Caillé, Prefácio « Jean Duvignaud, *Le don du rien* », *Revue du MAUSS permanente*, 28 octobre 2007 [en ligne]. <http://www.journaldumauss.net/spip.php?article195>.

<sup>10</sup> J. Lassave. op. cit. p. 124. (trad. do autor).

<sup>11</sup> Apud Alain Caillé. Op. cit. p. (p. 57

<sup>12</sup> DUVIGNAUD, Jean. Uma nova pista. In: Greiner, Cristine; BIÃO, Armindo (Orgs.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 31

<sup>13</sup> KHAZNADAR, Chérif. Contribuição para uma definição do conceito de etnocenologia. Trad. de Sergio Guedes. In: Greiner, Cristine; BIÃO, Armindo (Orgs.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 58.



abordagem precursora da etnocenologia e do seu objeto: as práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO). Além do que, as suas teses sobre o teatro, a representação e o jogo restam uma plena contribuição ao porvir de uma *Cenologia geral*<sup>14</sup>.

O poder de análise visual de Duvignaud, como vimos no seu trabalho junto aos habitantes de Chebika como observador participante, é um requisito indispensável para os estudos etnocenológicos, conquanto que esse olhar não se atenha apenas ao “pico emergente percebido”, ao aspecto tão somente espetacular do fato estudado<sup>15</sup>.

Os caminhos divergem quando, na sua obra, ele insiste na noção de resistência do gesto espetacular descrito como resposta às “exigências” da fome, da sexualidade, da morte, do trabalho, do sagrado, enquanto que para a etnocenologia a atividade espetacular humana é um traço fundamental da espécie.<sup>16</sup>

Segundo o seu codificador Jean-Marie Pradier, a etnocenologia é uma etnociência cuja “hipótese é que a atividade espetacular humana, é um traço fundamental da espécie, sustentado pela unidade do corpo/pensamento”<sup>17</sup>.

Entretanto, considerando a sua definição de manifestações espetaculares no prefácio do *Atlas de l’Imaginaire*, Duvignaud parece apontar para um motor oculto dessas de efervescências coletiva:

A vida humana não é a das colméias ou dos formigueiros! Há mais coisas nessas cerimônias que parecem buscar resolver um enigma. Nos confins do vivido e do possível. (...) Como é que esses espetáculos parecem visar para além da curiosidade, do respeito das tradições ou do prazer estético<sup>18</sup>.

Jean Duvignaud optou pela análise do teatro para poder ir mais longe nas suas especulações sociais. Franco-atirador diz dele mesmo que “ia contra a corrente (...) de um movimento de idéias que na França vem tentando há vinte anos reduzir a história do desejo ou do imaginário ao formalismo de uma lógica inconsciente ou à combinatória de signos”<sup>19</sup>. E

finalmente quando afirma que “a invenção dramática é imanente ao corpo social”<sup>20</sup>, podemos, desde aí, inscrever o seu nome como um dos precursores dos estudos sobre a espetacularidade e, conseqüentemente, da etnocenologia.

<sup>14</sup> PRADIER, Jean-Marie. « Ethnoscénologie : la chair et l’esprit ». Théâtre 1, Paris: Universidade de Paris 8, 1998, p. 17-37. Repertório Teatro & Dança 1, Salvador UFBA/PPGAC/GIPE-CIT, 1998, p. 9-22.

<sup>15</sup> Pradier, op. cit.

<sup>16</sup> Ver a esse propósito a analogia que faz Jean Marie Pradier com a música e a linguagem: “[a] expansão e evolução cultural [ do sentido musical e da linguagem] levou à formação de entidades espetaculares autônomas que correspondem à distribuição das atividades humanas, nas sociedades: liturgia, cerimônia, parada, ritos, rituais, festa, revista, desfile, procissão, carnaval, circo, mímica, teatro são atualizações históricas e locais de um atributo universal.”

Pradier, op. cit.

<sup>17</sup> Pradier, op. cit.

<sup>18</sup> « La vie humaine n’est pas celle des ruches ou des fourmilières Gründ, Françoise et Chérif Khaznadar, Atlas de l’imaginaire, préface de Jean Duvignaud, Maison des Cultures du Monde / Favre, Paris et Lausanne, 1996, 206 pages. (Trad. do autor)

<sup>19</sup> Apud. Alain Caillé, Prefácio « Jean Duvignaud, Le don du rien », Revue du MAUSS permanente, 28 octobre 2007 [en ligne]. <http://www.journaldumauss.net/spip.php?article195>

<sup>20</sup> Jean Duvignaud, Les ombres collectives, Sociologie du théâtre PUF, Paris, 1973. p. 367. (trad. do autor) ! Il y a plus dans ces cérémonies qui semblent chercher à résoudre une énigme. Aux confins du vécu et du possible. (...) D’où vient que ces spectacles semblent viser plus loin que la curiosité, le respect des traditions ou le plaisir esthétique.»

